

JOSÉ DE PARADA E SILVA LEITÃO

1809-1880

1.º Diretor da Escola Industrial do Porto – Escola Fundadora do ISEP (1854)



Após ter completado o ensino primário foi estudar para Lisboa, ingressando na vida militar com 12 anos. Passados cinco anos completou o curso militar no Colégio da Luz em Lisboa. Assentou praça como aspirante de artilharia em 31 de Agosto de 1826, passado um ano já era Alferes. Pouco tempo depois pediu licença dos seus deveres de militar para ir estudar para a Universidade em Coimbra, tendo ingressado no Curso de Matemática.

Forçado a interromper os seus estudos por ter aderido à causa Liberal opositora ao regime absolutista do rei D. Miguel, partiu para o Porto onde o movimento liberal tinha desencadeado a Revolução de 1820. Lutou na guerra civil pelo Batalhão de Voluntários Académicos, tendo estado exilado desde 1828 durante mais de seis anos na Galiza, em Plymouth, em Ostende (na Bélgica), na França e nos Açores. Aos 25 anos regressou do exílio e travou o combate decisivo no desembarque do Mindelo que pôs termo ao cerco do Porto e deu a vitória às hostes liberais.

Depostas as armas com o Tratado de Évora Monte que em 1834 conduziu à instauração da Carta Constitucional, retomou os seus estudos. Tudo leva a crer que tenha apoiado o movimento “anti ministerial” do Porto que em Setembro de 1837 instaurou novamente a Constituição de 1822, depondo o governo cartista. Já Bacharel, regressa ao Porto em 1837 para leccionar na recém-criada Academia Politécnica do Porto a cadeira de Física. Para além desta, lecionou também o curso preparatório de Física elementar e suas principais aplicações. Veio a ser eleito Presidente de Secção de Filosofia e nomeado director do Gabinete de Física da Academia Politécnica que por prerrogativa oficial era repartido na época com a Escola Industrial do Porto.

Em 1846 candidatou-se a Deputado da assembleia do reino, lugar para o qual não foi eleito em virtude do movimento setembrista que representava ser menos influente do que o cartista. A oposição ao governo de Costa Cabral levou os opositores progressistas a constituírem a Junta Governativa do Porto que foi um dos grupos em confronto na Revolução da Patuleia. Parada Leitão participou nestes movimentos, sendo

encarregado de algumas comissões; a mais prolongada como Chefe do estado-maior da Divisão liderada pelo então Visconde Sá da Bandeira. Pacificou as províncias do Norte, em especial as Beiras e foi para lá que se retirou depois de derrotada a sua facção. Em Valpaços foi denunciado por alguns membros da própria Junta do Porto, tendo sido entregue à forças governamentais opositoras. Chegou a ser detido conjuntamente com outros companheiros no Castelo de Chaves, tendo que se evadir do cativeiro.

Após esta derradeira intervenção político-militar passou a dedicar-se o ensino, investigação e à causa da indústria que acreditava ser o motor do progresso do reino. É patente no discurso de Parada Leitão a convicção iluminista de que a prática tecnológica e laboratorial, informada e sistematizada pela teoria, desenvolveria a investigação científica e a actividade económica através da industrialização do país. A própria divulgação das ciências andava a par com a ideia da propagação universal da instrução popular na construção de uma “civilização” assente na ignificação social pelo trabalho. O conhecimento e a procura da verdade deveriam conduzir o homem à felicidade terrena, tornando-o um cidadão livre. Os destinatários deste ensino eram tanto os “artistas e classes trabalhadoras” como os “industriais”. A insistência na generalização do ensino explica-se pela consciência que tinha das dificuldades na instrução e alfabetização que atingia números esmagadores e colocava sérios problemas ao “progresso” e à industrialização do país.

Entretanto em 1845-46 fundou o periódico “Industrial Portuense” com Vitorino Damásio e Mouzinho de Albuquerque. Nesta publicação confronta-se a evolução acelerada da industrialização em Inglaterra e França que os fundadores conheceram durante o exílio, constatando o atraso que se verificava em Portugal nessa matéria.

O periódico deixou de se imprimir muito provavelmente devido ao movimento da Patuleia que deflagrou em 1846 e que levou Parada Leitão de novo à luta armada. As suas concepções e objectivos foram prosseguidos posteriormente no “Jornal da Associação Industrial Portuense” entre 1852 e 1854. Da atitude simplesmente divulgadora de saberes, passa-se então à promoção da indústria através da criação de uma Associação que defendesse os interesses desta numa perspectiva filantrópica e interclassista. Entre os objectivos fundamentais da associação contava-se o socorro mútuo às “classes laboriosas”, o crédito aos industriais e a fundação de uma escola de ensino industrial prático. Parada Leitão e Vitorino Damásio dirigiram esta escola até à criação das escolas oficiais.

A sua atitude face ao “progresso” da indústria permite compreender o cenário político em que se fundou a Escola Industrial do Porto. Símbolos destas convicções foram homens como Passos Manuel, Sá da Bandeira ou Almeida Garrett, todos nascidos na “cidade invicta”.

Parada Leitão foi nomeado oficialmente director interino da Escola Industrial do Porto em 1853 e continuou com este estatuto a dirigir a escola até 1865 quando já era Instituto Industrial do Porto. Foi sob a orientação de Parada Leitão que em 1853 se fizeram as primeiras experiências públicas de telegrafia eléctrica em Portugal que ligaram a Associação Industrial Portuense a Associação Comercial do Porto. Os aparelhos, numa adaptação do Sistema Bréguet, foram inteiramente construídos na oficina de António Galo.

Parada Leitão e Vitorino Damásio participaram na Conferência Telegráfica Internacional de Paris de 1865 onde se aprovou o uso do código Morse para as comunicações internacionais.

Em 1854 foi encarregado pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações a proceder a um estudo visando introduzir melhorias no farol da Barra do Douro. Teve também a seu cargo várias missões de serviço público como as de investigador, consultor ou mesmo orientador das representações portuguesas nas exposições universais e nacionais de carácter técnico e industrial.

Contava-se entre os sócios instaladores de algumas associações de beneficência e como sócio honorário de algumas outras ligadas à indústria no país e fora dele. A sua actividade não se resumiu à vida política, ao campo científico da Física ou à tecnologia industrial. Era um homem virado para a promoção da cultura no seu todo, para o jornalismo e para a literatura. Colaborou como poeta no jornal “O Instituto” de Coimbra, no “Correio das Damas”, em “O Pirata” e em outros periódicos científicos e literários. Foi igualmente colaborador e redactor de vários jornais políticos, entre os quais se destaca a colaboração no “Estrella do Norte” e em “O Nacional”, tendo sido o principal redactor deste periódico setembrista durante o movimento da Patuleia. Foi autor de uma biografia de Diogo Kopke, um importante industrial ligado à produção do Vinho do Porto.

Em 1853, perante a ameaça de um projecto parlamentar que ameaçava encerrar a Academia, redigiu a “Breve Memória sobre a Instrução Pública Superior, nas províncias do Norte”, que ajudou a colocar termo ao projecto. Em 1863 redigiu uma outra representação ao Rei D. Pedro V no sentido de contestar a falta de apoio régio à Academia Politécnica e protestando o centralismo dos governos em matéria de ensino. A “Representação dirigida a sua majestade fidelíssima pelos cidadãos portuenses” foi lida publicamente na cidade e contou com apoio académico e popular.

D. Pedro V agraciou-o com a “Comenda da Ordem de Cristo” pelos muitos serviços prestados à ciência, ao ensino e à indústria.



RESIDÊNCIA JOSÉ DE PARADA E SILVA LEITÃO

Esta residência mista integra 49 quartos duplos, um quarto triplo e dois quartos individuais, especialmente adaptados para portadores de deficiência, num total de 103 camas. Localizada numa área residencial com ligação permanente ao centro do Porto, tem ainda acesso aos mais variados serviços nas proximidades: restaurantes, supermercados, farmácia e centros comerciais, assim como o Centro Hospitalar S. João.

ACESSIBILIDADES

Linhas STCP | 301, 304, 600, 603, 704, 803, 4M

Metro do Porto - Linha D - Pólo Universitário (5 minutos a pé)

LOCALIZAÇÃO

Rua Coronel Almeida Valente n.º 330 - 4200-030, PORTO

SERVIÇOS



WWW.SAS.IPP.PT